



Reflexões acerca da Etnobiologia e Etnoecologia no Brasil

Roque Ismael da Costa Güllich
(Organizador)

Roque Ismael da Costa Güllich
(Organizador)

Reflexões acerca da Etnobiologia e Etnoecologia no Brasil

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões acerca da etnobiologia e etnoecologia no Brasil [recurso eletrônico] / Organizador Roque Ismael da Costa Güllich. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-102-2

DOI 10.22533/at.ed.022190502

1. Ecologia humana. 2. Etnobiologia. I. Güllich, Roque Ismael da Costa.

CDD 304.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Etnobiologia um novo ramo da biologia que vem se consolidando com aporte na ecologia humana e na antropologia que tem como cerne a perspectiva etnográfica na sua constituição, ou seja: o conhecimento adquire fluidez a partir do campo empírico, da cultura, do diálogo entre saberes.

Assim, como vai sendo constituída vai se consolidando como Ciência, como campo de pesquisa e como prática. Basicamente primando pela pesquisa científica, pelo diálogo, mas acima de tudo pela escuta do sujeitos envolvidos nos processos, a Etnobiologia sugere a Ciência um novo contrato social e pedagógico. Este outro e diferente modo de pesquisar, ou seja, ouvindo, resgatando e dialogando com comunidades locais, afim de conhecer-na-ação, através de pesquisa participante e com isso comprometida socialmente e apropriando-se dos estilos do coletivo cultural que conhece e estabelece os processos cotidianos.

A perspectiva de pesquisa que se inicia através do conhecimento de realidades e se processa no embate com as discussões e sistematizações teóricas acadêmicas não se descuida, com isso, do método científico, mas aposta nele através de uma dimensão histórico-cultural, como forma de produção e natureza do conhecimento científico.

A Etnobiologia além de fazer a escuta social dos coletivos de pensamento, das percepções humanas acerca da natureza que os rodeia e de perceber a dialética que a prática e a teoria possibilitam ler na perspectiva da práxis, toma para si a necessidade da ciência moderna de perceber o outro, que é o sujeito do conhecimento, e então apura-se no intento de ao pesquisar o sujeito do mundo cotidiano possibilitar a ele e a ciência o conhecimento da natureza e emanar desta relação as necessidades de se conhecer para preservar.

De posse dos etnoconhecimentos constituídos ao longo da história da humanidade a Ciência Biológica pode facilitar outros diálogos de saberes, em especial com a Cultura, com as Ciências e com a Sociedade, no que pese pela educação, ou seja, com o ensino de Biologia e Ecologia, pois interdisciplinaridade é um eixo na etnobiologia e assim, é também necessária a ela a interpersoalidade, pois é nela que se estabelece interação e diálogo.

Neste contexto, a Sociedade, as Instituições de Ensino e de Pesquisa ganham uma nova ferramenta a etnobiologia/etnoecologia como modo/forma de articular o que sabemos, aprendemos e ensinamos a partir da realidade das comunidades, resgatando o conhecimento local, educando pela pesquisa e ressignificando conceitos e práticas culturais a luz dos conhecimentos da(s) Ciência(s) na perspectiva da produção conceitual de conhecimentos biológicos/ecológicos.

Acredito que a deixa é esta, pois quando a Sociedade, a Cultura e as Ciências se reconhecem como modo de produção e moradia para o conhecimento, perceberemos novas relações tecidas no âmbito da cultura e convívio social, entendendo que a interlocução entre os diferentes sujeitos constitui pensamento e linguagem. Constroem-

se assim, novos saberes, novos diálogos, propósitos, projetos e práticas que nos (re)educam na interação entre cotidiano da experiência social, cultural e científica.

O livro que ora apresentamos está recheado de sentidos e significados em 14 diferentes capítulos que dispõe conhecimentos biológicos, ecológicos, culturais, narrativas, educação, meio ambiente, que com suas diferentes facetas compõe a Etnobiologia de um tempo presente, que respeita o passado cultural de nosso povo e prospecta cada vez mais um futuro científico multicultural.

Assim, a Etnobiologia vem ao encontro dos anseios sociais e científicos, com nuances e estilos que possibilitam performances outras, novas leituras e formas de ensinar, pesquisar, como fenômeno discursivo e de ação propiciado pela interação, pelo envolvimento que a ferramenta etno nos apresenta e nos faz apropriar. Com isso, cultura, sociedade, pesquisa, ciência, ensino e biologia/ecologia ganham em forma e (re)forma, com o desenvolvimento de possibilidades novas e outras neste advento contemporâneo: que se envolve e apercebe também da ética e da estética no contexto e argumento maior do planeta: a sobrevivência da Terra.

O livro é um convite ao diálogo entre distintos saberes, bem como uma coletânea de aprendizagens que ora se dispõe a leitura e crítica da comunidade científica e em geral.

Boa Leitura,

Prof. Dr. Roque Ismael da Costa Güllich

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FISHERMEN KNOWLEDGE ON BOTOS TO SUPPORT MANAGEMENT STRATEGIES IN THE MIDDLE TAPAJÓS RIVER, BRAZIL	
Marcelo Derzi Vidal	
Simone Athayde	
Mateus Ferreira de Moura	
Gisselly Poliana Santos Muniz	
Luiz Cláudio Pinto de Sá Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0221905021	
CAPÍTULO 2	16
DESAFIOS NA CONSERVAÇÃO DE SEMENTES CRIOLAS E NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA	
Eliane Dalmora	
DOI 10.22533/at.ed.0221905022	
CAPÍTULO 3	30
LEVANTAMENTO DE ESPÉCIES VEGETAIS CULTIVADAS EM ROÇAS DA REGIÃO METROPOLITANA E ÁREA DE EXPANSÃO METROPOLITANA DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA	
Daiane Rodrigues dos Santos	
Iasmin Laiane Castro Oliveira	
Ilana Maciel Paulo Mamédio	
João Paulo Silva Vieira	
Mileide Santos Coutinho	
Adriana Rodrigues Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0221905023	
CAPÍTULO 4	37
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: NOVOS DESAFIOS PARA INVESTIGAÇÕES ETNOBIOLÓGICAS E ETNOECOLÓGICAS	
Érika Fernandes-Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.0221905024	
CAPÍTULO 5	52
CONHECIMENTOS ECOLÓGICOS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS RIBEIRINHAS DO RIO SÃO FRANCISCO: CONTRIBUIÇÃO AOS PROCESSOS DE RETERRITORIALIZAÇÃO E À RESOLUÇÃO DE CONFLITOS AMBIENTAIS	
Ana Paula Glinfskoi Thé	
Cláudia Santos Almeida	
Mariana Moreira Fróis	
DOI 10.22533/at.ed.0221905025	
CAPÍTULO 6	59
O CONHECIMENTO DO SENSO COMUM DE UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA CRIMINAL DA PARAÍBA SOBRE OS INSETOS DE INTERESSE FORENSE EM LOCAIS DE CRIME	
Valéria Brito Franco	
Carla de Lima Bicho	
DOI 10.22533/at.ed.0221905026	

CAPÍTULO 7	66
OS POMERANOS E OS PRIMATAS NÃO-HUMANOS DE SANTA MARIA DE JETIBÁ	
Flávia Martinelli Maria Otávia Silva Crepaldi	
DOI 10.22533/at.ed.0221905027	
CAPÍTULO 8	81
MULHERES MBYA GUARANI: RECONHECIMENTO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES VEGETAIS UTILIZADAS TRADICIONALMENTE EM ADORNOS E CESTARIAS	
Kátia Mara Batista Vanilde Citadini-Zanette	
DOI 10.22533/at.ed.0221905028	
CAPÍTULO 9	84
ESTUDO ETNOECOLÓGICO SOBRE O RIO SANTA MARIA DO RIO DOCE: COMO DIFERENTES GERAÇÕES SE RELACIONAM COM O RIO	
Aline Araújo Vago Gabriel Paola Maia Lo Sardo	
DOI 10.22533/at.ed.0221905029	
CAPÍTULO 10	91
ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: OS QUINTAIS COMO ESPAÇOS DE RECONSTRUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA EM IBIRITÉ, MINAS GERAIS	
Yan Victor Leal da Silva Geisa Gabriela da Silva Carine Silva Gonçalves Emmanuel Duarte Almada	
DOI 10.22533/at.ed.02219050210	
CAPÍTULO 11	108
AS MUITAS FORMAS DE ESINAR BOTÂNICA: DAS METODOLOGIAS À ETNOBOTÂNICA	
Roque Ismael da Costa Güllich	
DOI 10.22533/at.ed.02219050211	
CAPÍTULO 12	124
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Eulina da Silva Lima Camila Iorrane Costa Santana Cheylla Jayna Silva Nascimento Leite Evellyne de Sousa Oliveira Carolina Pereira Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.02219050212	
CAPÍTULO 13	131
AVALIAÇÃO DA TOXICIDADE DO EXTRATO ETANOLICO DE <i>Turnera Ulmifolia</i> L. ATRAVÉS DO BIOENSAIO DE LETALIDADE FRENTE À <i>Artemia Salina</i> Leach.	
Gabriele de Sousa Meneses Orianna dos Santos Fabelina Karollyne Silva dos Santos Manuella Feitosa Leal Ana Carolina Landim Pacheco Marcia Maria Mendes Marques	
DOI 10.22533/at.ed.02219050213	

CAPÍTULO 14 143

NOTAS ETNOBOTÂNICAS SOBRE O USO DA CABAÇA, *LAGENARIA SICERARIA* (MOLINA)
STAND. NA ESPANHA

[José Geraldo de Aquino Assis](#)

[Maria del Mar Gutierrez Murillo](#)

DOI 10.22533/at.ed.02219050214

SOBRE O ORGANIZADOR..... 155

O CONHECIMENTO DO SENSO COMUM DE UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA CRIMINAL DA PARAÍBA SOBRE OS INSETOS DE INTERESSE FORENSE EM LOCAIS DE CRIME

Valéria Brito Franco

Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – Campus I
Campina Grande - Paraíba

Carla de Lima Bicho

Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – Campus I.
Campina Grande – Paraíba

RESUMO: O objetivo do estudo é investigar o conhecimento do senso comum de um grupo de profissionais da área criminal da Paraíba sobre os insetos de interesse forense em locais de crime. A pesquisa foi realizada no Instituto de Polícia Científica (PB), com peritos criminais de morte violenta, que trabalham ou tenham trabalhado em campo, através da técnica *snowball*. A coleta dos dados foi realizada em João Pessoa e Campina Grande, em abril e maio de 2016, por meio de entrevista e formulário. Foram obtidos 11 registros de animais indicados como “insetos” e de 12 que estão presentes em local de crime. Em ambos os casos, o destaque ficou com as moscas. Os entrevistados (N = 11) possuem um conhecimento básico sobre Entomologia Forense, mas não utilizam todas as suas possibilidades de aplicações, sendo empregada apenas em poucos casos para determinar o Intervalo *Post-Mortem*. É notório que a disponibilização de conhecimentos acerca

dessa área teria reflexo direto no cotidiano dos profissionais na perspectiva de contribuir nos desfechos legais.

PALAVRAS-CHAVE: Etnozootologia. Classe Insecta. Servidor Público.

ABSTRACT: The objective of the study is to investigate the common knowledge of a group of professionals from the criminal area of Paraíba on insects of forensic interest in crime scenes. The research was carried out at the Institute of Scientific Police (PB), with criminal specialists of violent death, who work or already worked in the field, using the technique of snowball. The data collection was done in João Pessoa and Campina Grande, in the months of April and May of 2016, through an interview and form. There were 11 records of animals indicating the “insects” and 12 that were present in the scene of the crime. In both cases, the highlight was with the flies. The interviewees (N = 11) have basic knowledge of Forensic Entomology, but do not use all their possibilities of application, and are only used in some cases to determine the Postmortem Interval. It is clear that the availability of knowledge about this area would have a direct impact on the professionals’ daily life, in order to contribute to the legal results.

KEYWORDS: Ethnzoology. Insecta Class. Public server.

1 | INTRODUÇÃO

No que se refere à investigação das visões de mundo de diversos povos, a Etnobiologia tem desempenhado um importante papel, ao estudar como diferentes sociedades percebem e concebem os sistemas naturais nos quais estão inseridas (BAPTISTA, 2007). Essa ciência contempla diversos campos de pesquisa, dentre eles a Etnobotânica, Etnozootologia e Etnoentomologia.

O termo Etnoentomologia foi apresentado à comunidade científica pela primeira vez em 1952, quando os pesquisadores Wyman e Bailey publicaram um estudo sobre os métodos utilizados pelos índios Navajo para o controle de pragas (POSEY, 1986). Em 1964, os autores publicaram a obra “Navajo Indian Ethnoentomology”, momento em que há o primeiro registro do termo em um livro científico (COSTA NETO, 2003).

Por sua abundância no cotidiano humano, os insetos estão presentes em variadas circunstâncias (ULYSSÉA et al., 2010). A percepção sobre a relação inseto-ser humano pode ser constatada, por exemplo, nos usos entomoterápicos (COSTA NETO, 2005); na agricultura, com as espécies praga; nos hábitos entomofágicos; como indicadores de fenômenos da natureza (COSTA NETO, 2003; COSTA NETO; PACHECO, 2003) e nas infestações urbanas, quando danificam um patrimônio público ou privado (TRINDADE et al., 2012). Menos propalada, está a possibilidade de os insetos serem peças fundamentais em procedimentos legais, contribuindo de sobremaneira com o desfecho das ações. Nesse último caso, a atuação desses artrópodes é enquadrada em uma linha específica da Entomologia, a Entomologia Forense.

A Entomologia Forense *stricto sensu* utiliza, em particular, os insetos como evidências para interpretar informações sobre a morte (WOLFF et al., 2001), principalmente, em investigações de crimes violentos, com a estimativa do Intervalo *Post-Mortem* (IPM) (PUJOL LUZ et al., 2008). Assim, sua principal meta é contribuir para determinar como, onde e, em especial, quando a morte ocorreu, com o apoio de todos os elementos que podem ser agregados a partir das informações oriundas dos insetos encontrados no cadáver ou próximos a ele (CAMPOBASSO; INTRONA, 2001).

O objetivo do presente estudo é investigar o conhecimento do senso comum de um grupo de profissionais da área criminal da Paraíba sobre os insetos de interesse forense em locais de crime.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Instituto de Polícia Científica (IPC), órgão da Polícia Civil, nos municípios de Campina Grande e João Pessoa, regiões metropolitanas do estado da Paraíba (Brasil). As informações foram obtidas junto aos peritos criminais de morte violenta, que trabalham ou tenham trabalhado em campo. A indicação dos voluntários ocorreu através da técnica *snowball* (BAILEY, 1994). A coleta dos dados foi realizada, de forma individual, nos meses de abril e maio de 2016, por meio de

entrevista e complementada com a aplicação de formulário com questões abertas. Foi também utilizada a técnica da listagem livre (BORGATTI, 1998), em que os informantes nomeavam animais conhecidos como “insetos”.

Informações como a idade, o sexo, a formação acadêmica e o tempo de função no Instituto foram solicitadas e registradas no formulário. O projeto foi aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) / Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com o número CAAE 44589415.2.0000.5187.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 11 entrevistas com profissionais na faixa etária dos 28 aos 63 anos, em que 18% eram do sexo feminino e 82% do sexo masculino. Foi verificado que as formações acadêmicas eram distintas, e que 9% possuíam apenas graduação, 82% eram especialistas e 9% mestres. Para complementar seus conhecimentos na área jurídica, 45% dos entrevistados apresentavam o curso de Direito na sua formação como segunda graduação.

Segundo os informantes, 11 animais são conhecidos como “insetos” (Tabela 1), no senso comum que possuem sobre eles. Através dos exemplos citados, percebe-se uma disjunção entre o relatado e a classificação biológica, ou seja, organismos de categorias taxonômicas distintas, como barata, aranha e rato, na visão dos informantes, são todos considerados “insetos”. Ao mencionarem os animais tidos como “insetos” presentes em locais de campo e morte violenta (Tabela 2), verifica-se a repetição do impulso cognitivo, inclusive com o acréscimo de outros indivíduos, como tatu-peba, lagarto e urubu. Um fato interessante é que a mosca foi o inseto mais lembrado em ambas as situações (Tabelas 1 e 2), fato que deve estar diretamente relacionado à experiência profissional, que remete a presença nos cadáveres em estágio inicial de decomposição.

De acordo com a percepção dos informantes a respeito do que é um “inseto” teve-se:

“todo micro ser vivo que se encontra na natureza é um inseto, como por exemplo, a mosca, borboleta, escorpião, barata, aranha, formiga [...]” (M. R. S., 62 anos); “inseto é um animal que dá arrepio, náuseas” (A. R. C., 59 anos), “o que não é mamífero, protozoário, crustáceos [...], o restante é inseto” (S. S. L., 47 anos) e “inseto é polinizador [...], como, por exemplo, abelha, mosca, rato, formiga e barata” (M. C. F., 63 anos) (informação verbal).

Conhecimento do senso comum	Grupo taxonômico		Citações (%)
	Classe	Ordem	
1. Mosca		Diptera	24,2
2. Formiga		Hymenoptera	15,2
3. Barata	Insecta	Blattodea	15,2
4. Besouro		Coleoptera	12,1
5. Borboleta		Lepidoptera	9,1
6. Abelha		Hymenoptera	6,1
7. Aranha	Arachnida	Araneae	6,1
8. Mosquito	Insecta	Diptera	3,0
9. Escorpião	Arachnida	Scorpiones	3,0
10. Muriçoca	Insecta	Diptera	3,0
11. Rato	Mammalia	Rodentia	3,0

Tabela 1 – Animais citados como “insetos” pelos informantes do Instituto de Polícia Científica (PB) e seu grupo taxonômico, 2016.

Conhecimento do senso comum	Grupo taxonômico		Citações (%)
	Classe	Ordem	
1. Mosca		Diptera	23,5
2. Larva		Diptera	17,6
3. Besouro		Coleoptera	14,7
4. Formiga		Hymenoptera	11,8
5. Mosca varejeira	Insecta	Diptera	11,8
6. Barata		Blattodea	11,8
7. Mariposa		Lepidoptera	2,9
8. Mosca branca ou mosca-do-gado		Diptera	2,9
9. Rato	Mammalia	Rodentia	2,9
10. Tatu-Peba		Cingulata	2,9
11. Lagarto	Reptilia	Squamata	2,9
12. Urubu	Aves	Cathartiformes	2,9

Tabela 2 - Animais citados como “insetos” pelos informantes do Instituto de Polícia Científica (PB) que estão presentes em locais de campo e morte violenta e seu grupo taxonômico, 2016.

Animais que não pertencem a classe Insecta, como ratos, escorpiões, aranhas, lagartos, entre outros, acabam por serem classificados como “insetos” devido a transmissão dos conhecimentos pela construção da cultura (BROWN, 1979; POSEY, 1981; COSTA-NETO; RESENDE, 2004). Assim, em investigações Etno as categorias cognitivas não devem ser baseadas na organização que a Biologia busca estabelecer (POSEY, 1981, 1986; COSTA-NETO; RESENDE, 2004).

Nas respostas obtidas neste trabalho sobre os insetos presentes em campo, os participantes relataram as sensações dessa presença em suas coletas, apresentaram preocupação quanto a contaminações, que poderão ser prejudiciais a sua saúde, e certa repulsa. Segundo eles, esse sentimento existe porque esses animais geralmente

estão presentes sob os cadáveres ou material orgânico em processo de apodrecimento. Essa repulsão também é originada pelas possíveis doenças que esses insetos podem carregar consigo e transmitir.

É possível evidenciar nos relatos essas sensações:

“tenho receio de contaminação e procuro tomar certos cuidados para me proteger” (M. R. S., 62 anos); “não achamos muito bom pelo local que estão presentes” (M. A. L., 53 anos); “me protejo de alguma forma, pois traz lembranças de infecção, higiene [...]” (S. S. L., 47 anos); “hoje é normal, mas no começo tinha repulsa, no dia-a-dia se torna comum” (K. O. C., 40 anos); e “não gostava muito, o odor é muito grande, os insetos incomodavam quando presentes e eles são um poço de doenças” (L. F. A., 41 anos).

A aplicabilidade dessa ferramenta depende de fatores como o reconhecimento de insetos como vestígio por parte dos profissionais criminais e incentivo aos policiais que frequentam locais de morte violenta a fazer a coleta, preservar e saber que tipo de informação esse inseto pode lhe trazer (DIAS, 2010; SIMONETTI-BRITES; DA SILVA, 2011).

Com base nessa lógica, todos os entrevistados se limitaram nas respostas ao dizer que uso é para o cálculo do IPM ou cronotanatognose, como exemplificado a seguir:

“principalmente para definir tempo de morte e local da morte” (S. S. L., 47 anos) e “o tempo de morte do corpo, local onde o corpo pode ter sido encontrado [no caso de desova de cadáver]” (D. C. M., 30 anos).

Também foram enfáticos quanto à importância do uso desse dado para conclusões de casos, como relatos a seguir:

“é um dado de muita precisão e relevância, mas não uso” (D. J. F., 28 anos); “sem dúvida é importante o uso, coloco no laudo para definição” (M. L. D., 33 anos); “é uma forma de mostrar o IPM do cadáver, já usei” (D. C. M., 30 anos); “muito importante para ajudar no desenrolar da investigação, descobrimento e elucidação do crime, agora trago para o laboratório” (M. C. F., 63 anos); “tanto que abrirem o setor de Entomologia aqui em João Pessoa há quase um mês, nunca usei” (L. F. A., 41 anos); e “ajuda na divulgação para a sociedade e melhora a preservação do local, nunca usei” (M. L. B., 43 anos).

Apenas um informante foi claro na única utilização que fez:

“Apliquei uma vez. Não tenho o conhecimento sobre insetos, mas há algum tempo atrás percebi em um cadáver a asa de uma borboleta. Eu sabia por observação que aquela borboleta não pertencia aquela região. Um tempo depois descobrimos que aquele local foi usado para desova do corpo e o crime havia ocorrido na região que eu relatei com o inseto” (M. R. S., 62 anos).

Outra menção muito comum durante as entrevistas era em relação à presença

constante de formigas nos cadáveres. Arranhaduras ou lesões, que estão sem pequenas partes da pele, seriam por machucados que indicariam um elemento dinâmico para a cena do crime ou apenas marcas deixadas por formigas? Na maioria dos casos foi relatado que eram lesões provocadas por esse inseto.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a Entomologia Forense e a Etnoentomologia caminham morosamente. Há pouca divulgação da contribuição dos insetos nos procedimentos legais, inclusive na própria classe policial. Foi verificado que os profissionais da área criminal possuem conhecimentos básicos do uso da Entomologia Forense, em que a aplicabilidade dos insetos no cálculo do IPM foi a mais citada. Para obterem o conhecimento seria necessário que se estabelecesse um diálogo entre os policiais, peritos e médicos legistas, e a classe acadêmica. Através da socialização bilateral de conhecimentos, seria possível obter bons resultados, tanto para quem pesquisa como para quem aplica os seus resultados na prática de campo.

O presente trabalho, desenvolvido na área de Etnoentomologia Forense, é de grande importância uma vez que resgata os saberes repassados hereditariamente através de um conhecimento vulgar, mas que é comum e naturalmente usado no cotidiano das diversas sociedades. Ao mesmo tempo, detecta uma lacuna no conhecimento técnico-científico dos profissionais que deve ser suprida para que se possa incrementar as conclusões judiciais e, desta feita, poder contribuir de forma satisfatória com a sociedade.

REFERÊNCIAS

BAILEY, K. D. *Methods of social research*. (4 ed.). **New York: The Free Press**, 1994.

BAPTISTA, G. C. S. **A Contribuição da Etnobiologia para o Ensino e a Aprendizagem de Ciências: Estudo de Caso em uma Escola Pública do Estado da Bahia**. 2007. 250f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA e UEFS, Salvador.

BORGATTI, S. Elicitation techniques for cultural domain analysis. In: _____. M. D. LeCompte & J. J. Schensul (Eds.). **Designing and conducting ethnographic research** (Ethnographer's toolkit, pp.1-26). Walnut Creek, CA: Alta Mira Press, 1998.

BROWN, C. H. Folk zoological life-forms: their universality and growth. **American Anthropologist**, Washington, D.C., v. 81, n. 4, p. 791-812, 1979.

CAMPOBASSO, C. P.; INTRONA, F. The forensic entomologist in the context of the forensic pathologist's role. **Forensic Science International**, v. 120, p. 132-139, 2001.

COSTA NETO, E. M. **Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos**. 2003. 253f. Dissertação (Doutorado em Ciências) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UFSCAR, São Carlos.

COSTA NETO, E. M. Entomotherapy, or the medicinal use of insects. **Journal of Ethnobiology**, v. 25, n. 1, p. 93-114, 2005.

COSTA NETO, E. M.; PACHECO, M. J. "Head of snake, wings of butterfly, and body of cicada": Impressions of the lantern-fly (Himiptera: *Fulgoridae*) in the village of Pedra Branca, Bahia State, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 23, n.1, p. 23-46, 2003.

COSTA NETO, E. M.; RESENDE, J. J. A percepção de animais como "insetos" e sua utilização como recursos medicinais na cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, Brasil. **Revista Acta Scientiarum**. Maringá, v. 26, n. 2, p. 143-149, 2004.

DIAS, C. R. 2010. **Capacitação em entomologia forense**. Disponível em: <http://cienciacontraocrime.blogspot.com/2010/02/capacitacao-em-entomologia-forense.html> Acesso em: 19 de jul. 2016.

POSEY, D. A. O conhecimento entomológico Kayapó: etnometodologia e sistema cultural. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, n. 81, p. 109-121, 1981.

POSEY, D. A. Topics and issues in ethnoentomology with some suggestions for the development of hypothesis-generation and testing in ethnobiology. **Journal of Ethnobiology**, v. 6, n. 1, 1986.

PUJOL-LUZ, J. R.; ARANTES, L. C.; CONSTANTINO, R. Cem anos da Entomologia Forense no Brasil (1908-2008). **Revista Brasileira de entomologia**, v. 52, n. 4, p. 485-492, 2008.

SIMONETTI-BRITES, T.; DA SILVA, P. R. Q. **Importância da entomologia forense nas ciências criminais**. 2011. Monografia (Pós-Graduação em Biociências Forenses) – IFAR – Universidade Católica de Goiás, Goiânia - GO.

TRINDADE, O. S. N.; JÚIOR, J. C. S.; TEIXEIRA, P. M. M. Um estudo das representações sociais de estudantes do ensino médio sobre insetos. **Revista Ensaio**. Belo Horizonte - MG, v. 14, n. 3, p. 37-50, 2012.

ULYSSÉA, M. A.; HANAZAKI, N.; LOPES, B. C. Percepção e uso dos insetos pelos moradores da comunidade do Ribeirão da Ilha, Santa Catarina, Brasil. **Revista Biotemas**, v. 23, n. 3, p. 191-202, 2010.

WOLFF, M.; URIBE, A.; ORTIZ, A.; DUQUE, P. A preliminary study of forensic entomology in Medellin, Colombia. **Forensic Science International**, v. 120, p. 53- 59, 2001.

SOBRE O ORGANIZADOR

Roque Ismael Da Costa Güllich - Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI (1999), Aperfeiçoamento em Biologia Geral: CAPES -UNIJUÍ (1999), Especialização em Educação e Interpretação Ambiental UFLA (2000), Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2003) e Doutorado em Educação nas Ciências - UNIJUÍ (2012). Atualmente é professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus de Cerro Largo-RS, na área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências Biológicas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Formação de Professores de Ciências e Biologia, atuando na pesquisa, na extensão e na docência, principalmente nos seguintes temas: Ensino de Ciências e Biologia, Educar pela Pesquisa, Livro Didático, Currículo e Ensino de Ciências. Metodologia e Didática no Ensino de Ciências/Biologia. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências e Biologia. Foi bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID, coordenando o subprojeto PIBIDCiências. Atualmente é bolsista SESu MEC como tutor do Programa de Educação Tutorial – PETCiências, é coordenador do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências – PPGEC – UFFS e é Editor chefe da Revista Insignare Scientia – RIS.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-102-2



9 788572 471022